

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

OS RECÉM-CHEGADOS EM UM MUNDO VELHO: PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS A PARTIR DE HANNAH ARENDT¹

Cassiana Everling².

¹ Pesquisa desenvolvida no curso de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí, com orientação do professor Dr. José Pedro Boufleuer

² Estudante do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí, com bolsa institucional da Unijuí, cassi1902@yahoo.com.br

1. Introdução

A perda do sentido da autoridade e da tradição e a iminência de novos totalitarismos é sentida no momento atual. Ao conferir à criança uma autonomia que ela ainda não tem em relação ao mundo, as novas gerações acabam sendo jogadas à própria sorte, uma vez que os adultos se eximem de ser autoridade, conferida pela compreensão da tradição. A presente pesquisa defende que a autoridade do educador se dá pela tradição e, sobretudo, que a não repetição de totalitarismo no presente e no futuro somente é possível na medida em que olhamos para o passado, quando compreendemos, mesmo que parcialmente, os acertos e fracassos da humanidade. E tudo isso é somente possível pela educação.

É nesta problemática mais ampla que se situa esta pesquisa: o que significa educar nossas crianças, sem abandoná-las à própria sorte, num mundo que sente a perda do sentido e significado da tradição e da autoridade? Em que sentido é possível preservar o mundo diante da mortalidade de seus atuais habitantes e diante da novidade que cada nova geração introduz no mundo?

2. Metodologia

A pesquisa é de caráter bibliográfico, concentrando-se em textos de Hannah Arendt e de seus intérpretes que trabalham a relação entre autoridade, totalitarismo e tradição. Orientada numa perspectiva histórico-interpretativa, o estudo retoma e caracteriza a compreensão destes conceitos de Hannah Arendt, enquanto tentativa de compreender e de interpretar suas implicações na educação, entendendo a retomada do passado como futuro na educação.

3. Resultados e discussão

"O século da criança" (ARENDT, 2014, p. 237), produziu, sem dúvida, uma verdadeira emancipação da criança. A infância e a adolescência passaram, finalmente, a ser reconhecidas e consideradas. Hannah Arendt (2014, p. 226) entende, contudo, que "com respeito à educação, a ilusão do pathos do novo produziu suas consequências mais sérias apenas em nosso próprio século". As crianças "emancipadas", simplesmente acabaram "jogadas" no mundo, com pouca ou nenhuma referência de autoridade e de tradição, inclusive na escola. Os adultos acabaram se eximindo da responsabilidade de educar as novas gerações, deixando-as à própria sorte.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

Com toda a inocência e imaturidade que carregam consigo, as novas gerações se veem obrigadas a se entregar a uma autoridade tirânica, onde não pode haver rebelião e contrariedades como acontece no mundo dos adultos. Para Arendt, "a reação das crianças a essa pressão tende a ser ou o conformismo ou a delinquência juvenil, e frequentemente é uma mistura de ambos" (2014, p. 231). Portanto, para que a família e a escola, de modo particular, funcionem "educacionalmente é imprescindível que alguém nela se resigne a ser adulto" (SAVATER, 1998, p. 77). Resignar-se a ser adulto significa assumir a responsabilidade pelo mundo, pelo passado como futuro na educação, uma vez que a educação "jamais permanece tal qual é, porém se renova continuamente através do nascimento, da vinda de novos seres humanos" (ARENDT, 2014, p. 234).

Interpretar a tradição é uma das funções centrais da educação escolar. Um dos resistentes do nazismo, René Char, afirma que a tradição nos é legada sem nenhum testamento (cf. ARENDT, 2014, p. 28). O totalitarismo do passado não é algo que não nos pertence mais, assim como a tradição não é algo que podemos nos apropriar ou não. "Os movimentos totalitários são organizações maciças de indivíduos atomizados e isolados. Distinguem-se dos outros partidos e movimentos pela exigência de lealdade total, irrestrita, incondicional e inalterável de cada membro individual" (ARENDT, 1989, p. 373).

Diante disso, elemento central da interpretação da tradição na educação está na constituição de um mundo comum com menor grau de violência possível e, no apreender da tradição, a possibilidade de talvez empreender algo novo. Para isso, contudo, é preciso constantemente reinterpretar o modo como o mundo presente se constituiu. Essa reinterpretação, que é de responsabilidade de cada geração, é uma forma de compreender o pertencimento ao mundo.

A interpretação da tradição se constitui em elemento de pertencimento ao mundo por parte das novas gerações, pois "com a perda da tradição, perdemos o fio que nos guiou com segurança através dos vastos domínios do passado" (ARENDT, 2014, p. 130). E com esse pertencimento, ao se tornarem adultas, as novas gerações podem dizer sua palavra em relação ao seu mundo, sua pátria, na perspectiva de uma construção que seja comum e não apenas de alguns que impõem uma única palavra na decisão do modo de organização do mundo.

A preocupação de Arendt em relação à tradição está em pensar esse pertencimento que nos liga ao vasto patrimônio da humanidade; que nós não somos os únicos personagens desta peça teatral milenar; que agora somos parte de uma "encenação" que teve personagens precedentes; e que deveríamos garantir possibilidades para as gerações que irão nos suceder, enquanto nós iremos, aos poucos, deixar a peça. Assim, o pertencimento ao mundo no presente é também compreender as possibilidades que permeiam a responsabilidade pelo mundo para as novas gerações. A tradição é o elemento que nos permite ter critérios para conduzir o mundo no sentido de que ele continue existindo sob a responsabilidade de gerações vindouras.

Para Arendt, a não repetição de movimentos totalitários se dá no entrar no mundo, pelo aprender a tradição, por meio da linguagem, dos costumes, dos valores, das crenças, dos hábitos dos que já o habitam e o habitaram. Aprender e compreender esses elementos que marcam nossa entrada no

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

mundo é condição para que nos tornemos responsáveis pelo mundo quando da nossa condição de adulto e, a partir daí, permitir às novas gerações empreenderem algo novo, uma vez que "o objetivo da educação totalitária nunca foi insuflar convicções, mas destruir a capacidade de adquiri-las" (ARENDT, 1989, p. 520).

O recuperar dos conceitos de tradição e de autoridade é uma das condições para que o totalitarismo não se repita. E repensá-los nos permite dizer uma palavra diante das situações que são de destruição das possibilidades e necessidades do mundo comum, uma vez que "nosso totalitarismo consiste na captura pragmática da novidade, em sua administração e em sua venda no mercado do Futuro" (LARROSA, 2015, p. 192).

Pelo conceito de autoridade do educador, que se assenta na responsabilidade que ele assume por este mundo, preserva-se um sentimento de conservação que "faz parte da essência da atividade educacional, cuja tarefa é sempre abrigar e proteger alguma coisa" (ARENDT, 2014, p. 242). E pelo conceito de tradição preserva-se a exigência da reflexão sobre nossa condição humana no mundo, ultrapassando a perspectiva da fabricação e administração da novidade, que coloca em risco o mundo das novas gerações, que elimina "a incerteza de um porvir aberto e indefinido" (LARROSA, 2015, p. 192).

4. Conclusão

Por fim, os recém-chegados ao mundo apresentam dois desafios aos adultos na perspectiva educacional. De um lado, é preciso proteger a criança deste mundo, uma vez que ela é estranha e se encontra ainda em devir, em processo de maturação. Por ser um recém-chegado no mundo humano, a criança precisa ser educada para a vida, para a sobrevivência, configurando-se praticamente como um educar contra o mundo que se apresenta de modo perigoso e destrutivo.

Por outro lado, a criança "é nova em relação a um mundo que existia antes dela, que continuará após sua morte e no qual transcorrerá a sua vida" (ARENDT, 2014, p. 235). A criança necessita ser introduzida no mundo já constituído, configurando-se num educar responsável pelo mundo que já existe, cuja continuidade depende dos novos que estão chegando neste mundo. Por isso, o educador, "face à criança, é como se ele fosse um representante de todos os habitantes adultos, apontando os detalhes e dizendo à criança: – Isso é o nosso mundo" (ARENDT, 2014, p. 239). É, neste sentido, que se pode falar do passado como futuro na educação.

5. Palavras-chave

Hannah Arendt; Responsabilidade; Novas gerações.

6. Agradecimentos

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências pela oportunidade de cursar o mestrado, por meio da bolsa institucional de financiamento desta pesquisa.

7. Referências bibliográficas

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

ARENDT, Hannah. A condição humana. Trad. Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. Entre o passado e o futuro. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. O que é política? Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. Origens do totalitarismo. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LARROSA, Jorge. Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas. Trad. Alfredo Veiga-Neto. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica: 2015.

SAVATER, Fernando. O valor de educar. São Paulo: Martins Fontes, 2000.